RELAÇAÕ
DOS
ESTRAGOS,

Que desde o dia 3. de Dezembro athe 6 do mesmo mez do prezente anno de 1739. infelizmente cauzou nesta Cidade de Coimbra huma sempre memoranda Tempestade.

EXPOSTA

Por MANOEL JOSE' CORREA, E ALVARENGA

Licenciado em Artes, Academico Canonista, e natural da Cidade de Braga.

COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS, Anno de 1740.

Com as licenças necessarias.

I

ERA o tempo, em que Phebo se hospedava
No carrancudo signo Sagittario,
Espaço, em que tyranno dominava
O Novilunio frigido, o mez vario:
Com seus proprios sinaes ameaçava
A Coimbra mostrando vulto aquario,
Querendo por temerse em geral magoa
Todo o mundo ferir com setas de agoa.

2

QUatro vezes cercado o Firmamento
Tinha o globo terrestre, em que Diana,
Fugindo a quem lhe impresta o luzimento,
As pontas nos mostrava deshumana.
O dourado Titán seu doce alento
Escondendo aos mortaes, a luz ufana
Negou ao universo, porque entenda,
Que foi sempre de hum bem a falta horrenda.

3

O Olympo tenebrozo, triste o mundo
Sua auzencia sentindo começavaõ;
Neste assombro geral, pasmo profundo
Cada vez mais os ares se engrossavaõ.
Ja aqui todo o sensivel vagabundo
Huns com outros absortos se encontravaõ,
Esperando sugeitos sem abrigo
Do Empyreo o justissimo castigo.

4

ERa grande o terror, larga a triſteza,
O paſmo univerſal, cruel o enredo,
E neſta confuzaõ, neſta aſpereza
Era a realidade mais que o medo.
Confundida ficou a natureza,
E ſe a todo o futuro nada excedo,
Confeſſo, que indicava em ameaços
Tragar a terra, ou pôr tudo em pedaços.

5

EIs neſte tempo os Ceos como enfadados
Em agoa ja parecem derreter-ſe,
Os eſcuros vapores condenſados
So querem ſobre a terra desfazer-ſe.
Os montes, campos, valles inundados
Outro Diluvio vem a parecer-ſe,
E o cuidára, ſe Deos nos naõ diſſéra,
Que hum diluvio de agoa ſomente era.

6

HUm mar qualquer arroyo parecia;
Coimbra bem cuidava ſe affogaſſe;
E tal chuva impoſſivel ſer podia,
So ſe todo o Oceáno ſe eſgotaſſe.
Eminencia nenhuma já ſe via,
Que tam groſſo chuveiro naõ regaſſe,
Formando com paſmozas maravilhas
Das ruas largo mar, das cazas ilhas.

Porem

7

P Orém naõ satisfeito, o que governa
Em toda a limitada intelligencia,
Essa causa primeira sempre eterna
De todo o ser creado, e toda a essencia;
Mayor indignaçaõ mostrando externa,
E ja como esquecido da clemencia,
A Coimbra em castigo de seos vicios
Lhe descobre mayores precipicios;

8

A Eolo manda logo, que ligeiro
Solte o Bóreas cruel do carcere horrendo:
O Bóreas; porque em todo o mundo inteiro
Foy sempre por furiozo mais tremendo:
Qualquer dos outros quer sahir primeiro,
E invejozos se ficaõ remordendo,
Sem que primeira vez agora seja
De huma alheya eleiçaõ propria a inveja.

9

O Aquilo forte, rápido vagava
Com valido furor neste emispherio;
Esta regia Cidade imaginava
Ter dominio Plutaõ no espaço ethereo.
Do rijo vento a furia inquietava
O leve transparente, e largo imperio,
E de todas as partes em redondo
Parecia nascer taõ grande estrondo.

10

NAõ foy diſcurſo vaõ;pois irritado
O Ceo dos Aquilonios movimentos
A Eolo determina, que apreſſado
Vá ſoltar das prizoens todos os ventos.
Aqui todo o vivente anda aſſuſtado,
Aqui o racional perde os alentos;
Pois entendem,que pode neſta guerra
Os viventes poſtrar, quem traga a terra.

11

ALem do Bóreas rápido, e tyranno,
Say o Auſtro cruel, o Iapis forte,
O Euro rijo, o Africo, o Solano,
Nem pacifico fica o brando Norte.
O Zephiro de genio ſempre humano
Se ſente maquinar agora a morte,
E unidos com furia arrebatada
Intentaõ converter a terra em nada.

12

CAda vez mais os ventos dezabridos
Univerſaes ruinas vaõ cauſando,
De huma para outra parte compellidos,
Edificios, e cazas devaſtando.
Aqui, & alli ſe ouvem ſó gemidos,
Que os pobres abſortos ficaõ dando
Com terror, de que os ventos lhe derribem
As meſmas ſepulturas, em que vivem.

13

IGuais em tudo ao estrépito terrivel
Saõ os grandes estragos, que apparecem;
Pois he forçozo, & foy sempre infallivel,
Que ás causas os effeitos succedessem.
Tantas exhalaçoens naõ se faz crivel
As entranhas terraqueas commovessem,
Sendo sempre menores na braveza,
As que faz elevar a natureza.

14

CAnsado porém já o aereo estrondo
De dissipar famosos edificios,
Com soberba fatal em terra pondo
Tantas cazas com lúgubres exicios:
A huns os outros ventos vaõ-se oppondo,
E com bravo vigor, largos indicios
Querem dar a Coimbra esclarecida
Continuárem athe ser destruida.

15

TOdos estes estragos tinhaõ dado
As furias Boreaes: e naõ contente
Com elles (posto tudo era arrazado)
O Jupiter supremo, e omnipotente,
Logo a Vulcano manda, que apressado
Os rayos vá buscar de fogo ardente;
Paraque a esta Athenas naõ pareça,
Que acaba o estrago, quando inda começa.

16

VUlcano obedecendo com cuidado
Vay aos Sicilianos Orizontes,
Em cuja Ilha os tinhaõ fabricado
Os Ciclopes, Estéropes, e Brontes.
Agora mais que nunca disgraçado
O mundo se contempla; os altos montes
Com medo de tam horridos timbales
Querem deixar seu ser, e ficar valles.

17

ENtre varios, que a Jupiter entrega,
Hum lhe deu, que elle fez de mais grandeza,
Este como mais válido o empréga
Entre as sombras da noute com viveza:
He tal o estrondo só, que a todos nega
Do animo a vivente fortaleza,
Deixando esta Cidade sem sentido
De rayo tam fatal tanto estallido.

18

OUtros muitos trovõens acompanharaõ
O primeiro cruèl de assombro tanto;
E posto que menores, naõ deixaraõ
De cauzar pellas trevas grande espanto:
Logo entre sonhos trémulos pasmaraõ
Os homens, e invocando o nome sancto
De BARBARA, pertendem só por palma,
A quem os redimiu, entregar a alma.

19

DO veloz fogo, e eſtrépito valente
Era o medo mayor em demazia,
Mas que importa, ſe a Virgem naõ conſente
Cauzem effeito os rayos no ſeu dia.
Aqui, e alli ſe vê paſmada a gente,
E neſte grande horror toda entendia,
Que o eſpirito qualquer morrendo dece;
Quando o mundo acabar tambem parece.

20

AS nuvens entre tanto naõ deixavaõ
De desfazerſe em agoas ſucceſſivas,
Os ventos rijos ſempre acompanhavaõ
A ſaraiva com furias vingativas.
Chuvas, ventos, trovoens juntos cauzavaõ
Grande eſtrago, ruinas exceſſivas,
E cuidava Coimbra em tais portentos
Deſtruirem-ſe os meſmos elementos.

21

TOdos eſtes corporeos inimigos
Duplicaraõ aſſombros eſtupendos,
E como executores dos caſtigos
Moſtravaõ os peccados ſer horrendos.
Os paſmos eraõ grandes, e os perigos
Lamentaveis, e muito mais tremendos,
Sendo cada ruina hum triſte indicio,
Sendo cada terror hum precipicio.

Naõ

22

NAõ ſó dos grandes ventos, que batiaõ,
A perda univerſal ſe lamentava;
Porque mais damnos inda ſe ſeguiaõ
Da chuva, que continua ſe augmentava:
A huns as meſmas cazas ſe perdiaõ,
A vida a outros plácida acabava,
E inda aos mais ſublimes obeliſcos
Ruinas lhe moſtrava, expondo riſcos.

23

DA agoa faz o exceſſo, que parece
Qualquer regato hum mar com muito engano;
O ſoberbo Mondego ſe engrandece,
Prezumindo, que ſeja outro Oceano:
De ſeu natural curſo ja ſe eſquece
Agora largo, túmido, e inhumano,
Querendo conſervar a larga enchente,
Que a cazo lhe concede hum accidente.

24

NAs ribeiras da Serra de huma eſtrella
Naſce o Monda com lánguida corrente,
E logo em ſeu principio ſe diſvela,
Rio querendo ſer na groſſa enchente:
Todo o vizinho trata com cautela
As quintas reſguardarlhe da creſcente;
Porque quando com agoas ſe entumece,
Nada de quanto encontra permanece.

25

MAs ſem effeito agora aproveitaraõ
As cautelas nas gentes prevenidas ;
Pois as agoas com furia derribaraõ,
Quantas ſaõ pellas margens eſtendidas:
Taõ pouco agora as terras lhe eſcaparaõ
Pellos filhos de IGNACIO poſſuidas;
Pois inda alem das plantas, que lhe arranca,
A Quinta ſem paredes deixa Franca.

26

SOberbo como intrepido diſſipa
De ſeus impulſos toda a reſiſtencia,
E a ſeus meſmos terrores anticipa
Primeiro que a ameaços a violencia.
S. JORGE (ſendo izento) participa
De taõ crueis eſtragos a inclemencia,
Seus muros precizando arrebatados
A ſerem novamente reformados.

27

DAqui paſſar naõ pode a demazia
Na creſcente fatal, audacia impura.
Do Mondego preclaro, quem diria,
Que rompeſſe ſacrilego a clauzura?
Como logo com tanta tyrannia
Deſta caza ſeu grande horror procura:
Mas que muito, ſe neſta triſte vida
Foy a virtude ſempre perſeguida.

Vay

28

VAy o Monda correndo arrebatado,
Aqui cazas, alli plantas quebrando,
Se a huns leva as alfayas desbocado,
Da mesma vida a outros vay privando.
A Cerca de S. BENTO acelerado
Lhe vay com as enchentes estragando,
Querendo-nos mostrar com dezengano,
Quem isto ao bento fáz, mais ao profano.

29

COm soberba fatal, e estrago triste
Corre; mas nada deixa, sem que affronte;
Comsigo leva quanto lhe rezifte,
E nem deixa ficar a mesma Ponte.
Teimozo, pertinàs, contrario insiste
Na furia, com que vay de monte a monte,
Mostrando nos excelsos parapeitos
Dos impulsos potentes os effeitos.

30

HE do Mondego a Ponte esclarecida,
Soberba máquina, inclito edificio,
Fábrica augusta, e obra mais luzida
De El-Rey D. MANOEL sempre propicio.
Em todas as Hespanhas conhecida
Mostra ser principal pello artificio,
De toda a nossa Athenas doce enleyo,
Dos Estudantes unico passeyo.

31

ESte portento pois agigantado,
Este assombro das gentes peregr'nas
Se sente agora já precipitado,
Mostrando das grandezas só ruínas.
O Mondego cruel, arrebatado
Com válidas enchentes repentinas,
Duplicando feroz impulsos vagos
O quer fazer sogeito dos estragos.

32

QUem dissera, que o liquido elemento
Fosse opposto à dureza de hum penedo?
Quem cuidára, que túmido, e violento
Podesse arruinar tanto arvoredo?
Alterado com tanto áquario augmento
Intenta de profundo causar medo
Pellos troncos fatais, que leva avulsos
Com força de seus rigidos impulsos.

33

DEstes males, que faz, naõ se arrepende,
Mas antes insolente se embravece;
Maquína mais estragos; porque entende,
Que, quem mais males faz, mais se engrandece.
Prezumido, vorás, undozo rende
Quanto rega, quanto na agoa lhe apparece;
Sem reparo, que neste curso feyo
Altívo se enriquece com o alheyo.

Furi-

34

FUriozo, cruel, arrebatado,
Alto, turbo, e ſoberbo ſe deſcobre,
Humilde ha pouco tempo, agora inchado,
Abundante eſta vez, e logo pobre.
Traveſſo agora, e logo ſoccegado
Sereno quer moſtrar ſeu genio nobre,
Talvez de todo o eſtrago produzido
Dando claros ſinaes de arrependido.

35

INtrepido a Cidade penetrando
A Sanſaõ exceder ſaõ ſeus diſvelos,
Com elle pellos pés vay pellejando,
Pois naõ pode pegarlhe nos cabellos.
Vence-o o Rio em fim, e vay paſſando
Com ſeus chriſtaes clariſſimos, e bellos,
As gentes quer deixar todas abſortas,
Vendo, que a Sancta CRUZ lhe bate às portas.

36

MAs em quanto lhe aſſiſte a enchente rica
As extrucçoens continuas vay fazendo;
Noſſa Athenas florente prejudica
Nas fomes, que geraes vay padecendo.
A viagem proſegue, e nada fica,
Que com furia cruel naõ vá rompendo,
Em Montemor conſegue arrebatado
Violar das Igrejas o Sagrado.

 Agora

37

AGora mais que nunca se empaveza
O Mondego das agoas,de que abunda;
Pois agora se vé com mais largueza
Pello campo fatal,que todo inunda;
E reflectindo aqui sobre a grandeza
De sua inundaçaõ taõ furibunda,
Por todo o campo faz estrago impío
Com a pena, que tem de acabar rio.

38

SEntido já (supposto sempre ufano)
Soberbo para o mar duro procede,
Medrozo como tumido o Oceano
A seus impulsos forte retrocede.
Corrido o mar, em pena deste damno,
A Neptuno esta vez humilde pede,
Decrete por sentença derradeira,
Finalize o Mondego na Figueira.

39

FIca-te pois, Mondego arrebatado,
Sacrilego, traidor, diro homicida;
Acaba para sempre, desbocado
Dragaõ taõ tragador, Fera atrevida:
E se athe aqui fosse sempre celebrado
Desta Académia tanto esclarecida,
Queira Deos nunca mais na nossa Athenas
Hajaõ para louvarte subtís pennas.

F I M.